

Enfim,

texto João Silvério Trevisan

A concentração para a Parada na Avenida Paulista



Apresentadora oficial
Silvety Monttla

a parada do milênio

A comunidade homossexual de São Paulo dá uma reviravolta e põe 20 mil pessoas nas ruas para o Dia do Orgulho Gay. O sucesso da 3ª Parada GLBT, a maior já realizada por aqui, animou o movimento gay organizado em todo o país. Espera-se um efeito dominó que poderá mudar o cenário dos desfiles em várias capitais, até hoje carentes de investimento e público para celebrar a nossa data mais importante

Homem ao
pôr do sol



de pais e mães homossexuais ou simpatizantes. No carro-trenzinho da Blue Space, a garotada aboletava-se lado a lado com gente da terceira idade e bichas desinibidas, sob a faixa "Amor não tem idade" (e não tem mesmo, a julgar pelo tesão generalizado que se sentia). Aliás, as faixas deste ano, que eram muitas, espalharam-se por toda a extensão da Parada, claras e diretas. "É legal ser homossexual!(Art.5ºda Constituição)", dizia uma delas, gozadora. Ou: "O preconceito tem cura". Ou: "Seu filho é gay? Ame-o, respeite-o, aceite-o". Vi cartazes solitários: "Sou bissexual, e daí?" ou "100% gay" — carregado por um adolescente. A Editora GLS compareceu com uma alegoria de livro aberto que caminhava pelo meio do público. Logo de cara, recebi um beijo de um mulatinho lindo, quase nu, com seu quepe e arreios de couro. Aliás, essa foi uma das grandes novidades da Parada deste ano: totalmente desinibidos, circulavam vários casais de senhores e rapazes S&M com seus arreios — alguns ostentando lindos mamilos com piercing. Um grupo de HIV+ ligados ao GIV (Grupo de Incentivo à Vida) circulava, com seu carro, ao lado de fantasias engraçadíssimas de gatos, gatas, ursos, coelhos — mas sobretudo muita gente vestida de si mesma. As drags andavam fervendo por toda parte, montadas de tudo quanto é tipo: desde uma Marilyn Monroe com seu lulu até empregadinhas de saiotê minúsculo (que espanava os carros

do outro lado da avenida), passando por uma Batgirl que adorava trepar em postes, uma bruxa medonha, demônias chiquérrimas (de botas vermelhas), Dimmy Kier de bicicleta, Pandora Boat de autêntico traje afro e as gêmeas Dolly & Dolly, inseparáveis. Perdi a conta das drags com modelito básico nas cores do arco íris ou da bandeira brasileira (dessas, destacava-se uma senhõra, com um tailleur verde esmeralda, botas amarelas até os joelhos e uma peruca rosa). Havia caricatas imensas, de botas incríveis, drags fantasiadas com folhas de jornal e com pano de saco de farinha (uma drag-ão, cara borrada, chinelos gastos, que ostentava a faixa: "Miss Éria"). Rebolando na avenida, um travesti dava uma de Garota Globeleza, só com uma folhinha de parreira cobrindo os pentelhos. E muitas traveças botavam para fora os peitos siliconados. Quase fechando à Parada com sua enorme faixa vermelha contra o preconceito e a discriminação, vinham os jovens anarco-punks, em trajes típicos — pontualmente presentes desde a minúscula Passeate de 1996, dispostos a nos dar apoio, com sua tradição de enfrentar os fascistas carecas.

Das janelas dos edifícios, caía papel picado. E muita gente, homossexuais ou simpatizantes, nos aplaudia. Já quase no final da Consolação, palmas entusiásticas para Roberta Close, que subiu até o apartamento de Leão Lobo, de onde saudou o público. E teve Elke Maravilha batendo ponto, e Érika Palomino segurando a bandeira, misturadas anonimamente ao público que transformou a avenida numa pista de dança móvel. Após quase quatro horas de caminhada festiva, chegamos à praça da República, já noite. Houve então um show de encerramento comandado por Cláudia Wonder, com a apresentação de várias drags, além dos grupos Ópera Queer e o underground Tetine. Nos intervalos do show, ocorreu um espetáculo com fogos de artifício, ao mesmo tempo que os balões dos arco-íris foram soltos nos céus de São Paulo. A festa rolou até pelo menos 8 e meia da noite, com a multidão que não parava de dançar. Apesar de alguns senões menores, foi notável a organização deste ano: eram mais de 60 coordenadores, correndo pra cima e pra baixo com *walkie talkies*, identificados por camisetas vermelhas e responsáveis pela coordenação geral, segurança, harmonia e bandeira. A polícia, que compareceu em número menor do que o esperado, colaborou apenas no essencial. A CET, encarregada do (des)trânsito na cidade, ameaçou processar judicialmente a organização, caso a passeata interrompesse o trânsito na avenida Paulista — considerada via essencial. (Por acaso, ela deixa de ser essencial quando é fechada a cada vitória do Corinthians ou do Palmeiras, durante os jogos da Copa e até para espetáculos organizados pelas TVs?) A Paulista acabou sendo tomada à força pela multidão, e a CET não pode fazer nada. Os incidentes negativos, num evento desse porte, também foram mínimos — como um maniaco homofóbico (ou seria apenas uma enrustidona?) que jogou cal líquida na bandeira e fugiu. Afinal, quem ousaria enfrentar 20 mil pessoas que alegravam aquele domingo de inverno em São Paulo?

O evento teve repercussão fantástica: jornais, rádios e TVs reportaram. Mas não foi só na mídia. Impressionados com a participação massiva, os

mesmos empresários que só a custo se reuniram com os organizadores, uma semana antes da Parada, atendendo a insistentes pedidos, agora se acotovelavam para oferecer patrocínio. A Associação Viva Centro acenou com a possibilidade de, no próximo ano, fechar a avenida Ipiranga no trecho da praça da República, para a realização de uma grande rave com vários DJs tocando simultaneamente. Já se conseguiu, também, a inserção do dia do Orgulho GLBT e da Parada no calendário oficial da cidade de São Paulo. Não é para menos: numa cultura onde tudo passa pela estatística, reunir mais de 20 mil pessoas é uma façanha respeitável. E aí está o grande sentido político da Parada: a afirmação de que existimos, gostem ou não, e somos milhares. Vencemos o nosso pior inimigo, a invisibilidade, e afirmamos nossa existência. Por isso, tal evento me parece ser a conquista mais importante na luta pelos direitos homossexuais do Brasil, nos últimos anos. Políticos conservadores, religiosos fundamentalistas e homófobos em geral, que insultavam gente anônima, agora terão que se defrontar com uma multidão de homossexuais *com rosto* e identidade, que têm capacidade de ir às ruas, em nome dos seus direitos. Eles gostem ou não, viemos para ficar. E é melhor ir se acostumando com nossa presença, pois tudo leva a crer que de agora em diante o fenômeno das Paradas tende a crescer como rastilho de pólvora e se multiplicar em cada grande cidade brasileira. Acho que a 3ª Parada de São Paulo funcionou, antes de tudo, por sua eficiência. Afinal, as coisas não aconteceram improvisadamente. O que se viu em 27 de junho foi resultado de um processo trabalhoso. Representantes de grupos de ativistas da capital e do interior juntaram forças para fundar no ano passado a Associação da Parada GLBT/SP, entidade registrada em cartório, com endereço no centro de São Paulo, estatutos, conta bancária, associados e diretoria eleita a cada 2 anos. Trata-se de uma equipe de mais de 20 pessoas, divididas em comissões específicas que cuidam da infraestrutura, comunicação e eventos — abertas para gente interessada em integrar seus quadros. A idéia agora é manter atividades durante todo o ano, e assim tornar a Parada um fator de mobilização permanente, trabalhando inclusive em várias outras instâncias relacionadas aos direitos homossexuais. Aí se inclui, por exemplo, a manutenção de uma página na Internet (ver endereço abaixo) e a publicação de um jornal.

Afinal, chega de brincar de direitos, não é? Vamos tomar o espaço que nos é devido, numa sociedade democrática. E depois, é tão bom botar a cara fora do gueto e, pra variar, mostrar à luz do dia o nosso amor — aquilo que temos de melhor. Eu, de minha parte, já sinto saudade e estou ansioso pra participar no ano que vem. Se você quer se dar um presente, compareça também à próxima Parada. Prepare seu modelito e vá comprovar pessoalmente como faz bem à auto-estima. Homo que é homo, mostra a cara... e muito mais. Até lá! ■

e.mail de João Silvério Trevisan:

fstrevisan@sol.com.br

site oficial da Parada: <http://paradasp.cjb.net>

e.mail: paradasp@sti.com.br

telefone virtual (011) 3203 0195